

A propósito do Centenário de

SOARES DOS REIS

Dois notáveis trabalhos do Estatuário



Não será fácil encontrar na estatuária, ainda que se procure na universal, nada que represente melhor o *senhor* medieval e guerreiro de alma, que a estátua de D. Afonso Henriques, feita por Soares dos Reis. Ali está tudo: a consciência do poder, no movimento da cabeça que se levanta sem arrogância, a olhar a sua vitória com a serenidade calma de quem vê o que esperava de si próprio; o hábito da soberania, na naturalidade com que o manto pousa nos ombros e desce nas costas, em dobras majestáticas; a força material, na estrutura de atleta que se sente debaixo da indumentária de guerra; o império da vontade, no ar de domínio que ressuma da posição. Essa maravilha escusa de mais nada para que se nos revele a alma guerreira da Idade Média e se tenha diante dos olhos o homem que, possuído dessa alma, foi o criador de Portugal. Ela só por si, a estátua, é bastante para que cada português, ao contemplá-la, sinta bater o coração de ver nela, em todo o seu esplendor, o homem que lhe deu a Pátria, fadada para tão altos destinos. E de ver nela ainda, esses outros homens que, fortes como ele e como ele cobertos de armas, o acompanharam na tarefa.

Historie-se um pouco essa obra formidável de Soares dos Reis. Não é favor conceder ao Grande Estatuário, perante o fundador de Portugal, identidade com o Grande Épico, perante os homens que engrandeceram esse Portugal.

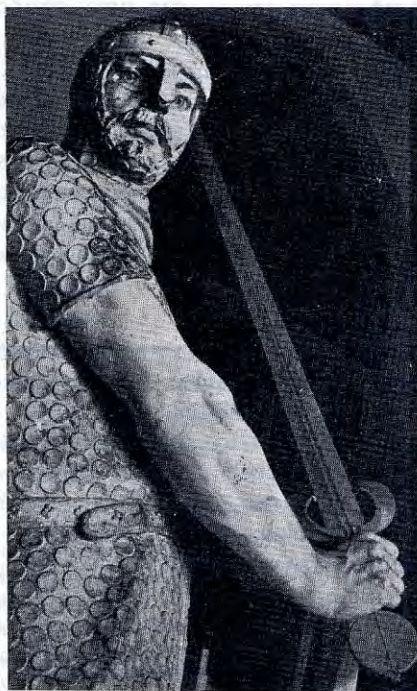
A estátua de D. Afonso Henriques — todos o sabem — não é revelação singular do *génio* do seu autor. É porém — está evidente — revelação do seu saber histórico, da sua submissão à verdade, da sua aplicação ao estudo dos seus retratados. O filho do Conde Henrique cavaleiro francês vindo dos

I A ESTÁTUA DE D. AFONSO HENRIQUES

Reis da França, trazendo sangue gaulês em que predomina esbelteza do talhe e a flexibilidade dos movimentos, lá está na estátua com a elegância da altura, o contorno da cinta, o requebro de rins que se adivinha sob a espessura do lorigão. Filho de uma leonesa, filha do rei de Leão, portadora de sangue ibérico em que predomina a solidez da estrutura, lá está ele com o arcaboço largo, o braço atlético, a mão vigorosa a empunhar a espada, o pulso dúctil do manejo da arma, e a mão esquerda, forte e de perfeito desenho, a pegar nas correias do escudo, com o abandono de mão que não pega em nada. E os pés a pousar no chão, com a firmeza de coisa inabalável.

As vestes e armaduras que os cavaleiros medievais levavam à guerra, vê-se de documentos coevos que os cobriam todos. Isso contrariava Soares dos Reis, cujo gosto estético exigia na estátua qualquer porção de anatomia à vista. Chegou a esboçar

uma *maquete* com o lorigão pela altura dos joelhos, mas preferiu abandoná-la, a contrariar a História. O lorigão tinha de descer até aos artelhos. Eu assisti a momentos amargos dele, por não poder avivar o seu trabalho com um trecho palpitante. Tanto mais que a cara, meio tapada pelo gorjal e pela viseira do morrião, mal se via. Ele, nas horas em que não tinha contrariedades a consumi-lo, era expansivo, animado nas conversas, amigo de confidenciar. Quando nos encontrávamos ou ele me levava a acompanhá-lo até ao *atelier* da rua de Camões, em Gaia, gostava de me contar, como que em desabafo, coisas que tinha a preocupá-lo. Uma vez encontrei-o cheio de alegria e disse-me que estava muito contente por ter visto em certo alfarrábio muito acreditado, que não obstante o lorigão ter mangas para cobrir os braços, alguns cavaleiros, com o fim de terem os movimentos mais livres



D. AFONSO HENRIQUES

Estátua, gesso, por Soares dos Reis (pormenor)

Fot. de António Silva

para o ataque, usavam combater com o braço descoberto. Acrescentou, radiante: — O nosso homem tinha de ser desses, para não as poupar aos mouros! E sentiu-se autorizado a praticar a maravilha de escultura que é o braço direito da estátua. Também se autorizou a sair um nada do que diziam os cartapácios a respeito dos escudos. Diziam que eles eram altos, a dar pelos peitos ao homem em pé. Mas isso afeiava a estátua, apoucava a figura, e tirava-lhe a vista do busto. Com o critério de que, assim como havia quem tirasse a manga do lorigão para atacar mais à vontade, também haveria quem cortasse um pouco ao escudo para o não embaraçar na mesma tarefa, moldou-o mais pequeno.

A espada que esteve muitos anos no museu da Biblioteca do Porto com o rótulo de ter pertencido ao nosso rei *Conquistador*, foi a que serviu de modelo para a que, na estátua, figura na mão desse rei. Soares dos Reis não a tomou para modelo olhando apenas para o rótulo, mas sim depois de se certificar que ela, em verdade, pertencia à época em que vivera e pelejara o homem em cuja mão a punha. Certificado disso, que é parte da voz que a dá como tendo pertencido ao nosso primeiro rei, não faz falta documento escrito, se o não houver, para se aceitar como provado que ela brilhou na mão viva desse mesmo rei. E é tão bom consolar-se a gente de poder ver e tocar uma relíquia que não só assistiu ao nascimento da nossa Terra como *terra nossa*, mas ainda foi ela própria que a fez nascer, com o vigor que a tornou tão Grande e a tornará imortal!

II

ARTISTA NA INFANCIA

Quando se fala em Soares dos Reis, vem logo ao pensamento o *Desterrado*. Parece que há uma força invencível a ligar a trespessante melancolia que ressuma da estátua, ao estatuário. Em verdade, ou porque este primor de arte viesse falar da alma que o concebeu e fez viver, ou porque essa alma fosse avaliada pelo que se via do homem na rua, ou, mais que tudo, porque o fim trágico do homem a isso induzisse, Soares dos Reis passa por ser ele o verdadeiro desterrado, quer dizer, o que atravessou a vida como em orbe que não era o seu e que arrastou, desde o berço à sepultura, a tristeza e o desalento. Não será tanto assim; o seu retrato não estará, todo inteiro, em o *Desterrado*.

Há outro primor de arte, das mesmas mãos, filho do mesmo génio, o denominado *Artista na Infância*, e neste resplandece a alegria, a esperança na vida, o desabrochar de uma alma para a glória. Porque não será antes nesta criança que se deva encontrar a alma do artista?

No livro *Soares dos Reis*, de Diogo de Macedo Júnior (Mem Bugalho), a vida íntima de Soares dos Reis aparece delineada por mão de quem sabe, e

conhece, de estreita convivência, a pessoa que retrata. Vê-se desse livro que o autor do *Desterrado* não é bem o jovem de esperança perdida, postado em face do mar que o separa dos seus anelos, e será antes a criança que vê, enlevada, o que a sua imaginação infantil traçou no papel. A alma de Soares dos Reis mostra-se-nos, no trabalho de Diogo de Macedo Júnior, alma de criança e alma de artista. Pois não é ele o pequenito que moldava bonecos em barro grosseiro e talhava outros a canivete em pedacitos de madeira, e punha tanta alma nessas obras de criancice, que as fez impor à vista de quem, em boa hora, as soube compreender e aproveitar a vocação de que emanavam? E, já com asas de águia abertas nos páramos da Arte, não é ele ainda criança que se compraz a lançar «estrelas» — papagaios — para o ar?

A mocidade de Soares dos Reis passada no estrangeiro, não sei nada dela, senão de ouvir um pouco a outro artista muito seu companheiro, Marques de Oliveira, e esse dizia que ele nunca fôra sorumbático, nem desalentado e, pelo contrário, sempre o conhecera vivaz e animado. Da *mocidade* dele em Gaia, sei alguma coisa, porque fui do tempo dele — descontada a diferença de idade, é claro — e da roda dele, fora da Arte, evidentemente. Digo «*mocidade* dele em Gaia», não obstante referir-me ao período em que ele andava adiantado na trintena, porque, nesse período, ele era tão expansivo, tão jubiloso, ligava-se tanto à mocidade de facto — rapazes dos dezoito aos vinte e poucos anos — que, entre esses moços não era menos moço que qualquer. Que belos e animados dias se passaram na praia de Lavadores, nesse tempo rincão paradisíaco, com ele, os Macedos, outros mais e eu também, talvez o mais novo e agora um dos pouquíssimos que ainda viverão. Vou contar um episódio ali passado, que testemunha o bom humor, o humor até acriançado do já então Grande Artista.

Um dos Macedos, o Camilo, estendeu-se na areia, de bruços, com os cotovelos no chão e a cara apoiada nas palmas das mãos. Soares dos Reis, achando por certo aquilo interessante, tirou do bolso um livreco, em cujas páginas esboçava coisas que o impressionassem, e desenhou o rapaz naquela posição. O Alfredo Cunha — o conhecidíssimo *Cunha da Raza* — viu e quis também.

— Desenhe-me também, Soares, tire-me o retrato!

— Pois sim, passa-te para ali...

E começou a desenhar. Mais além andava um burro e, quando lhe mostrou o desenho e disse: — Aqui tens o teu retrato! mostrou-lhe a cabeça do burro, óptimamente desenhada! Mas ficou-lhe cara a graça, porque o *retratado*, a rir-se com o feitio dele de sempre, apanhou-lhe o livreco e nunca mais lho deu. É um album interessante e, mais ainda, porque o que ele contém está inédito.

Quem visse Soares dos Reis na rua, com o seu

passo mesurado, a cabeça inclinada, o olhar no chão, diria que 'era um homem aborrecido de si e dos demais homens. Não era assim. Quando se lhe aproximasse alguém que merecesse a sua companhia, como que se arrancava do sonho em que porventura ia mergulhado, da sua Arte, e aparecia o conversador animado. Aconteceu isso comigo algumas vezes, porque morávamos para os mesmos lados e encontrávamos-nos frequentemente. Lembro-me de uma vez em que, chegando-me a ele a cumprimentá-lo, os seus olhos brilharam, e disse-me:— Pois é verdade... Ia a pensar numa noite de luar, em Roma, nas ruínas do grande Circo... E seguiu a contar-me, com entusiasmo exuberante, as impressões que sentira nessa noite, a contemplar obras de arte em ruínas sob o luar. Que belo banho de Arte eu tomei nesse dia!

No *atelier* trabalhava com febre, sujeitava os modelos a longas sessões, e aí de quem tentasse



ARTISTA NA INFÂNCIA
Estátua, barro, por Soares dos Reis — Casa dos Patudos — Alpiarça

foram: Soares, Camilo, Antero e Mousinho.

EMÍLIO CASTELO BRANCO.



António SOARES DOS REIS (1847-1889)
Pintura, óleo, por Marques de Oliveira
Museu Nacional de Soares dos Reis.

António SOARES DOS REIS

Notícia biográfica — António Soares dos Reis nasceu na freguesia de Mafamude, concelho de Vila Nova de Gaia, a 14 de Outubro de 1847. Filho de Manuel Soares Júnior e de sua mulher, D. Rosa do Nascimento de Jesus.

Frequentou a Academia Portuense de Belas Artes, desde 1861 a 1866, recebendo lições de João António Correia, Tadeu Maria de Almeida Furtado, Almeida Ribeiro, Joaquim da Costa Lima Júnior e Manuel Fonseca Pinto e obtendo o primeiro prémio em Desenho, Arquitectura e Escultura.

No ano imediato seguiu para Paris, como bolseiro do Estado, como actualmente se diz. Ali frequentou a Escola Imperial e Especial de Belas Artes, tendo como professores Hensey, Jouffroy, Yvon e Taine.

Regressou a Portugal em 1870, em consequência da guerra franco-prussiana, mas no ano seguinte, partiu para Roma, empreendendo uma demorada viagem de estudo. Voltou à Pátria em 1872 e fixou-se no Porto.

Em 1881 entrou, como professor de Escultura, para a Academia Portuense de Belas Artes, cadeira que ocupou até ao falecimento, ocorrido a 16 de Fevereiro de 1889, em Vila Nova de Gaia.

Fez-se representar em várias exposições, quer em Portugal, quer no estrangeiro, sendo-lhe conferidas as mais honrosas classificações.

A quase totalidade da sua obra como escultor e desenhador está integrada no Património Nacional, e dela, o principal núcleo, encontra-se no Museu Nacional que tem o seu nome glorioso.

Bibliografia — «A Obra de Soares dos Reis». Comemorações Nacionais de 1940. Catálogo da Exposição. Porto, 1940; págs. 65 a 77, com «Aditamento» em «Soares dos Reis. In Memoriam», a sair das oficinas da Litografia Nacional, por iniciativa da Escola de Belas Artes do Porto.